

Meme de internet: um novo gênero de discurso?

Internet meme: A new speech genre?

Edgar Godoi Gabriel¹

RESUMO: Neste artigo, investiga-se se o meme de internet pode ou não ser considerado um novo gênero de discurso. À medida que se caminha para esse intento, verificam-se a gênese, as definições e os desdobramentos característicos do meme, como o lócus propício de circulação e o perfil dos seus consumidores. Quanto ao referencial teórico e metodológico, este texto ancora-se nos estudos de Mikhail Bakhtin a respeito dos gêneros do discurso, bem como nas pesquisas de Dominique Maingueneau e sua abordagem enunciativo-discursiva a respeito dos tipos e gêneros de discurso. Os resultados mostram que, a partir do arcabouço teórico adotado, o meme contempla todos os requisitos de um gênero de discurso, com finalidades, nuanças e alcances próprios.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Gênero de discurso. Memes de internet.

ABSTRACT: In this article, the main goal is to investigate whether internet memes can be considered a new speech genre. As it moves towards this goal, it is possible to verify the genesis, the definition, and the unfolding characteristics of internet meme, such as where they can be found, and who produce and consume them. The theoretical framework adopted are Mikhail Bakhtin's research on Speech Genres, and Dominique Maingueneau's studies conducted on Speech Types and Speech Genres. The results show internet memes comprehend all the requirement of a digital speech genre with its own purposes, scopes, and particularities, which implies linguistic and social issues.

Keywords: Discourse Analysis. Speech genres. Internet Memes.

Considerações iniciais

¹ Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (LAEL PUC-SP). Graduação em Letras com habilitação para Tradutor e Intérprete (Português- Inglês) pelo Centro Universitário Ibero-Americano (Unibero - Unidade Brigadeiro). Graduação em Letras, com Licenciatura plena em Língua Inglesa pela Faculdade Cultura Inglesa de São Paulo (FCI-SP). Desde 2011, atua no mercado editorial, em processos de editoração de conteúdo científico, literário e educacional (sistemas de ensino, livro didático e EaD). Atua também com a elaboração e correção de questões modelo Enade, com base na Taxonomia de Bloom. Experiência na área de Letras, com ênfase em Linguística e Linguística Aplicada, lecionando produção textual em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

O que é um meme? Como e quando surgiu? Quais são suas especificidades? Por onde circula e qual é o perfil dos seus consumidores? Quando estamos em meio a uma tendência tão avassaladora — não se pode negar que, nos últimos anos, o meme se popularizou a ponto de ser encontrado em enormes quantidades, sobretudo nas redes sociais —, essas podem ser as questões que nos colocamos, caso não sejamos tomados pela indiferença. A partir da(s) resposta(s) a essas perguntas, indagamos: afinal, o meme de internet é um novo gênero de discurso? Se sim, o que o caracteriza como tal? São essas questões que norteiam o desenvolvimento deste trabalho.

O meme tem passado pelo escrutínio da Comunicação e do Jornalismo (CALIXTO, 2019), por uma perspectiva legal sobre sua propriedade, isto é, do Direito (AMARAL; BOFF, 2019), por uma abordagem do humor na intersecção com o político (COUTINHO; LOUREIRO, 2019), assim como tem sido estudado interdisciplinarmente (ZANETTE; BLIKSTEIN; VISCONTI, 2019). Com isso, podemos observar que diversos pesquisadores e suas respectivas abordagens teórico-metodológicas têm se interessado pelo meme, tomando-o como objeto de estudo. Contudo, ainda são poucas as pesquisas que investigam por que podemos considerar o meme de internet um novo gênero de discurso, sobretudo a partir do referencial teórico aqui adotado².

A princípio, esta investigação pode parecer desarrazoada. No entanto, temos em vista o uso dos resultados para fins pedagógicos, uma vez que o meme de internet tem um enorme apelo entre jovens estudantes, ou seja, os resultados podem auxiliar o trabalho de professores de línguas, em especial os de língua estrangeira.

Em um primeiro momento, retomamos brevemente os estudos a respeito dos gêneros desde a Antiguidade até os dias atuais, com foco nos trabalhos de Mikhail Bakhtin (2016) e Dominique Maingueneau (2013; 2015). Em seguida, investigamos o meme propriamente dito (gênese, desenvolvimento, definições e limitações), bem como sua inscrição social (produção, circulação e consumo). Por fim, temos as considerações finais.

Gêneros discursivos: historicidade, definições e desdobramentos

² Enquanto redigíamos este trabalho, publicou-se o v. 18, n. 3 (2020) de *Estudos da Língua(gem)*, que contém dois artigos que analisam memes com base na Análise do Discurso. No entanto, esses trabalhos não trazem em seu escopo a definição conceitual de meme, o que corrobora a motivação de nossa contribuição.

Segundo Machado (2013), já se encontra uma reflexão sobre as modalidades de fala em *A república*, de Platão, obra em que o filósofo grego propõe uma classificação binária, cujas esferas eram domínios precisos de obras representativas de juízos de valor. Assim, ao gênero sério, pertenciam a epopeia e a tragédia; ao burlesco, a comédia e a sátira. Posteriormente, Platão reformulou sua classificação binária e, com isso, propôs uma tríade baseada nas relações entre realidade e representação: ao gênero mimético ou dramático, pertencem a tragédia e a comédia; ao expositivo ou narrativo, o ditirambo, o nomo e a poesia lírica; e ao misto, a epopeia.

Essa tríade, fundada na mimese, serve de ancoragem para a *Poética*, de Aristóteles, que tomou a tragédia como paradigma da obra poética. Para esse filósofo, os gêneros são classificados como obras da voz, cujo critério é o modo de representação mimética. Eis a base teórica consolidada que tem orientado os estudos sobre gêneros desde então: poesia de primeira voz é representação da lírica, poesia de segunda voz é a representação da épica e a poesia de terceira voz é a representação do drama.

Embora os estudos dos gêneros tenham sido aplicados em outros campos, foi nos estudos literários que essa classificação se consagrou. A esse respeito, pondera Machado (2013, p. 152), o “[...] estatuto dos gêneros literários se consolidou e nada teria abalado seus domínios se o imperativo típico da época de Aristóteles tivesse se perpetuado, quer dizer, se não houvesse surgido a prosa comunicativa”.

Já no século XX, surgem os estudos de Mikhail M. Bakhtin (1895-1975)³, cuja contribuição foi apresentar seu entendimento não acerca da classificação das espécies, mas sim o dialogismo existente no processo comunicativo. Foi possível, então, alterar a rota de estudos sobre os gêneros: além das formações poéticas, Bakhtin afirma a necessidade de um exame circunstanciado não só da retórica, mas sobretudo das práticas prosaicas, que diferentes usos da linguagem fazem do discurso, oferecendo-o como manifestação de pluralidade (MACHADO, 2013).

Essa abertura conceitual não só trouxe à baila a prosa, como também desfez a hierarquização dos gêneros poéticos, marcados pela rigidez e até mesmo pelo purismo — há de se lembrar que, por muito tempo, eram restritos tanto o acesso quanto o consumo

³ Embora não abordemos aqui, Medviédev (2012, p. 193-206) também se dedicou à problemática dos gêneros. Vale lembrar que tanto Medviédev quanto Bakhtin integravam o mesmo grupo de intelectuais que, posteriormente, ficou conhecido como Círculo de Bakhtin.

de textos religiosos, literários etc. Nesse sentido, é preciso notar que, ao contrário dos gêneros poéticos e outros textos canônicos, a prosa é marcada pela contaminação de formas estilísticas, como paródia, diálogos, linguagem carnavalizada, cotidiana, culta e inculta etc. Desse modo, o teórico russo inicia sua empreitada com a seguinte observação:

Todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

Três elementos desse trecho merecem destaque no que tange ao estudo dos gêneros: o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional, na medida em que eles estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado, sendo igualmente determinados pelas especificidades de cada campo da comunicação. Cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos *relativamente* estáveis de enunciados, os quais Bakhtin (2016) denomina “gêneros do discurso”.

Outro ponto a se destacar é a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso, visto que sua riqueza e diversidade são infinitas, já que são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana. Assim, cada esfera de atividade compõe-se de um elaborado repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal esfera ganha complexidade.

Bakhtin (2016) constata, ainda, após refletir sobre a heterogeneidade funcional dos atos de fala, que podemos ser levados a pensar que os traços gerais dos gêneros do discurso tornam-se demasiadamente abstratos e vazios, o que se deve ao fato de a questão geral dos gêneros discursivos nunca ter sido verdadeiramente colocada, pois o que mais se estudava eram os gêneros literários. Dito de outra forma, desde a Grécia

Antiga até o século XX, os estudos sobre os gêneros do discurso sofreram um recorte artístico-literário, mas a lógica existente na criação dos enunciados artístico-literários e não artístico-literários é a mesma: estão no interior da corrente da comunicação sociocultural e têm uma dimensão axiológico-social em sua significação.

Após verificar que o ato particular de falar recebe uma tipologia diferente a depender da situação ou da esfera da atividade humana, o teórico russo foi levado a estabelecer uma definição desses gêneros discursivos, mas não sem antes ponderar: “Jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 15).

Assim, existe uma diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples e monológicos) e os secundários (complexos e dialógicos). No primeiro caso, entram as falas monológicas, isto é, a réplica cotidiana, o bate-papo com um vizinho ou familiar, a correspondência particular etc. Já no segundo caso, entram o romance, a publicidade, pesquisas científicas etc., que surgem a partir das condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado, que em geral encontramos na modalidade escrita. Neste ponto, é preciso salientar que os gêneros secundários podem incorporar os primários em sua formação, reelaborando-os segundo suas necessidades. Por exemplo, o diálogo cotidiano perde seu vínculo imediato com a realidade concreta, mesmo que mantenha sua forma e seu significado cotidianos, ao ser incorporado num romance ou num texto para publicidade.

Os gêneros surgem dentro de algumas tradições com as quais se relacionam de algum modo, permitindo a reconstrução da imagem espaciotemporal da representação estética que orienta o uso da linguagem. Nessa toada, cabe suscitar a velha máxima de Bakhtin, segundo a qual o gênero vive do presente, mas recorda o seu passado, o seu começo. Em outras palavras, não podemos pensar os gêneros discursivos isoladamente no tempo e no espaço. Por exemplo, em uma abordagem dialógica do discurso, é considerado um procedimento equivocado tomar o meme como objeto de estudo sem relacioná-lo a charges, pinturas, quadrinhos, lambe-lambe (colagem e fotografia) etc., isto é, sem recordar o seu passado, seu começo, mas também seus desdobramentos, pois diversos memes estampam camisetas ou adesivos.

Notadamente, qualquer pessoa que se dedique à questão da tipologia dos gêneros discursivos verifica que não é tarefa fácil estabelecer seus limites, dada a sua heterogeneidade. Diante desse cenário, de nossa parte, recorreremos à abordagem enunciativo-discursiva, especialmente aos trabalhos de Maingueneau (2013; 2015), para verificar a questão dos gêneros e suas características. Antes disso, porém, precisamos pontuar alguns detalhes.

Toda e qualquer interação ocorre em forma de texto⁴, e todo texto pertence a uma categoria de discurso, ou seja, a um *gênero de discurso*. Com isso, o locutor dispõe de uma infinidade de termos para categorizar a grande variedade de textos produzidos em sociedade: pintura, fotografia, tratado filosófico, propaganda, artigo científico etc. A denominação desses gêneros apoia-se em critérios bastante diversificados, e as categorias variam em função do uso que se faz delas, pois correspondem às necessidades da vida cotidiana. Logo, o linguista não pode ignorar essas categorias e funções se quiser explorar em profundidade suas possibilidades de análise.

Há tipologias de diversas ordens, como aquelas que indicam o que o enunciado faz, ou melhor, o que se faz com o enunciado, e o que este comunica, sua função social. Uma vez mais, podemos perceber a dificuldade em traçar uma fronteira nítida entre os tipos, se prevalece sua função comunicacional ou funcional, pois se trata de um manuseio “delicado”, dado que um mesmo enunciado pode simultaneamente mobilizar ambas funções e ainda outras, como também pode ser complicado associá-lo claramente a apenas uma função.

Desse modo, observa Maingueneau (2013), rótulos como “revista”, “jornal”, “entrevista” ou “podcasts” designam o que se chama de gêneros de discurso, ou seja, são dispositivos de comunicação que só podem aparecer quando certas condições sócio-históricas se fazem presentes. Por exemplo, os gêneros supracitados compõem uma parte da produção de um veículo de comunicação; eles também implicam leis que permitem o

⁴ Entendemos “texto” a partir do posicionamento do Círculo (FARACO, 2009, p. 43): nas ciências naturais, um sujeito contempla e fala sobre uma coisa muda (trovões, acústica etc.), ou seja, trata-se de uma relação monológica (sujeito/objeto). Nas ciências humanas, há sempre no mínimo dois sujeitos: o que analisa e o que é analisado; assim, o intelecto contempla *textos*, entendidos como um conjunto de signos verbais ou não que são produtos de um sujeito social e historicamente localizado. Visto que, nas ciências humanas, o objeto de estudo é sempre o texto de outrem (um universo de valores em interação), daí a relação ser sempre dialógica.

veículo operar, bem como um público interessado. Existe todo um sistema que dá subsídios para que o veículo opere e possa produzir seus textos, assim, “poderíamos caracterizar uma sociedade pelos gêneros de discurso que ela torna possível e que a tornam possível” (MAINGUENEAU, 2013, p. 67). Contudo, tais designações não bastam para tipificar os gêneros de discurso. Por esse motivo, o teórico francês foi levado a desenvolver conceitos que delimitassem as zonas de convergência, ou seja, os tipos e gêneros de discurso.

Os gêneros de discurso constituem, de algum modo, os átomos da atividade discursiva, mas eles só adquirem sentido quando integrados a unidades de classe superior: os tipos de discurso. Estes, por sua vez, designam as práticas discursivas ligadas a um mesmo setor de atividade, agrupamentos de gêneros estabilizados por uma mesma finalidade social. Por exemplo, um panfleto político é um gênero a ser integrado em uma unidade mais complexa, constituída pela rede dos gêneros decorrentes do mesmo tipo de discurso, o político. Dessa maneira, os tipos e os gêneros estão tomados por uma relação de reciprocidade: “todo tipo é uma rede de gêneros; todo gênero se reporta a um tipo de discurso” (MAINGUENEAU, 2015, p. 66). O tipo de discurso é mais amplo e abarca vários gêneros; é um objeto teórico que “agrupa” os diversos gêneros segundo sua finalidade. Entretanto, é preciso observar que em momento algum nos deparamos com o tipo propriamente dito, mas sim materializado em um gênero de discurso, como um artigo acadêmico, uma resenha crítica, um boletim etc.

Com essa reflexão, Maingueneau (2013) comenta as tipologias existentes: as enunciativas estão muito distantes da inscrição social dos enunciados; as comunicacionais ou situacionais não levam em consideração os funcionamentos linguísticos dos textos. Para a Análise do Discurso, o ideal seria poder apoiar-se também sobre as tipologias propriamente discursivas, ou seja, as que não separassem, por um lado, as caracterizações ligadas às funções, aos tipos e aos gêneros de discurso e, por outro lado, as caracterizações enunciativas.

Qual é a pertinência de reconhecer e estudar os gêneros de discurso? Afinal, todo falante de uma língua é fluente em alguns deles, ainda que não saiba sistematizá-los conscientemente. Parte da resposta para essa questão nos leva a recorrer novamente a

Bakhtin (2016), para quem o domínio de vários gêneros discursivos é um fator de considerável economia cognitiva:

Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos certo volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que, em seguida, apenas se diferencia no processo de fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente cada enunciado e pela primeira vez, a comunicação discursiva seria quase impossível (BAKHTIN, 2016, p. 39).

Portanto, os gêneros discursivos se mostram socialmente pertinentes devido à sua economia cognitiva e à sua função em assegurar a comunicação, por meio da competência genérica dos atores envolvidos (enunciador e coenunciador) durante a troca verbal.

Maingueneau (2013, p. 72-77) postula que não podemos considerar os gêneros discursivos como fôrmas disponíveis ao locutor para moldar seus enunciados. Os gêneros são atividades sociais e, por isso mesmo, estão submetidos a um critério de êxito. Assim, prometer fazer algo a alguém implica determinadas condições de êxito, como quem promete ter condições de cumprir sua promessa, mas também que aquele a quem se prometeu algo esteja interessado na concretização do objeto da promessa, entre outros condicionantes. Tais condições envolvem elementos de ordens diversas, a saber:

- **Uma finalidade reconhecida:** os gêneros visam a modificar, de alguma forma, a situação da qual participam, ou melhor, a situação em que os gêneros são acionados. Assim, pode-se definir tal finalidade ao se responder à seguinte questão implícita: “Estamos aqui para dizer/fazer o quê?” Por exemplo, submeter um artigo para ser avaliado tem por fim divulgar os resultados de uma pesquisa. Com isso, estabelecer qual é essa finalidade torna-se indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento condizente (ou esperado) ao gênero discursivo utilizado;

- **O estatuto de parceiros legítimo:** qual papel devem assumir locutor e destinatário? Os diferentes gêneros determinam quem fala e para quem se fala, se há turnos de falas etc. Por exemplo, um curso universitário deve ser ministrado por um professor, que se supõe deter um saber específico e ser devidamente autorizado a exercer seu ofício no ensino superior, bem como se dirige a estudantes que supostamente não detêm aquele saber específico em questão;
- **O lugar e o momento legítimos:** todo gênero implica um certo lugar e um certo momento; não se trata de coerções “externas”, mas de algo constitutivo. Por exemplo, se um padre rezar uma missa numa praça pública ou um professor der sua aula em um bar, depreendemos facilmente que esses não são os locais legítimos para cada uma dessas atividades. Contudo, tais transgressões podem ser significativas, abrindo-se a possibilidades interpretativas, como um protesto⁵.
- **Um suporte material:** um texto pode passar somente por ondas sonoras (oralidade), ter suas ondas tratadas e depois restituídas por um codificador (rádio, telefone, podcast etc.), mas pode ser um manuscrito, impresso em um único exemplar, figurar na memória de um computador ou estar salvo em nuvem. Em todo caso, podemos notar que a modificação do suporte de um texto modifica radicalmente um gênero de discurso. Pensemos, por exemplo, nos gêneros diário pessoal, blogue ou mesmo no Twitter. A mudança de suporte faz com que o enunciador considere seu coenunciador (específico ou virtual), assim como qual linguagem utilizar e o que pode ou não ser dito (coerções genéricas e discursivas). Em síntese, o que se chama de “texto” não é um conteúdo a ser transmitido por tais ou quais veículos. O texto é inseparável de seu modo de existência material;
- **Uma organização textual:** todo gênero associa-se a uma certa organização textual (ou construção composicional), que implica recursos linguísticos específicos. Assim, o gênero implica que o par correlato (*eu-tu*) domine um determinado nível de competência genérica, inclusive o uso adequado da língua, ou seja, uma terminologia própria a depender do campo de atuação, como o

⁵ Nesse sentido, podemos pensar na ocupação de escolas estaduais pelos estudantes secundaristas em 2016, cujo *slogan* era “Hoje a aula é na rua”, quando da ocupação de avenidas importantes de grandes cidades brasileiras.

“linguajar” médico, militar, financeiro (econômiquês), jurídico (jurisdiquês) etc. Tal domínio linguístico pode influenciar desde uma palavra (termo) até frases completas (locuções, expressões etc.), mas também pode influenciar o encadeamento do texto (períodos absolutos ou orações subordinadas, parágrafos curtos ou longos, alinhamento justificado ou centralizado, entre outros).

Mídiu e discurso

Durante muito tempo, considerou-se o texto como uma sequência de frases dotadas de sentido e indiferentes ao seu mídiu⁶. Mais recentemente, com o aprimoramento do audiovisual e o desenvolvimento da Tecnologia da Informação, o mídiu passou a exercer um papel crucial, uma vez que revolucionou a natureza dos textos e o seu modo de consumo: sua difusão pode ser via oral, impressa, digital ou multimodal.

O mídiu não é um mero “acessório”, nem um simples “meio” de transmissão do discurso; ele impõe coerções sobre seu conteúdo e comanda os usos que dele podemos fazer. Assim, muitas mutações sociais se manifestam por meio de um simples deslocamento do mídiu, visto que “uma sociedade não se distingue das formas de comunicação que ela torna possíveis e que a tornam possível” (MAINGUENEAU, 2013, p. 82).

Se, outrora, as modalidades oral e escrita estavam de algum modo bem delimitadas, o surgimento do rádio e posteriormente do audiovisual, por exemplo, provocaram uma ruptura na predominância dos livros, que traziam em si toda uma concepção de sentidos. Por esse ângulo, podemos dizer que o surgimento da internet (e sua conseqüente popularização) potencializou a multimodalidade. Podemos considerar, ainda, a distinção entre oral e escrito (gráfico) reducionista, uma vez que não contempla que o suporte gráfico (físico) pode ser em argila, pergaminho, papiro, papel ou *outdoor*. Ademais, com os meios digitais, o gráfico pode transformar-se em imagens ou ondas

⁶ Optamos por manter “mídiu” (pl. mídiuns) para nos referirmos ao meio e suporte, devido aos critérios adotados pelos tradutores da obra e expressos em nota: “[...] por analogia à forma já consagrada *mediologia* e pela existência de *médium*, forma já dicionarizada para se referir a outro conceito” (MAINGUENEAU, 2013, p. 81).

sonoras, compondo-se e decompondo-se, tal qual é comum em textos publicísticos, artísticos e literários (poemas concretos, por exemplo).

Isso tudo nos conduz a pensar na estabilidade ou instabilidade de um enunciado. Se, antigamente, o oral era considerado instável e efêmero, já que não havia aparelhos para registrar a fala cotidiana, atualmente, imagens e sons são facilmente registrados com um dispositivo que está ao alcance de boa parte da população: o smartphone. Logo, no século XXI, oral e escrito (gráfico) podem perdurar igualmente, a depender da relevância do enunciado.

Recapitulando, quando nos detemos no mídiun de um gênero, não basta levar em conta seu suporte material (oral, escrito, televisivo ou digital). Precisamos considerar o conjunto que organiza a fala, visto que a comunicação não é um processo linear: um sujeito não sente a necessidade de se exprimir para depois pensar nos sentidos, escolher o suporte e o gênero e, em seguida, finalizar a redação e fazer seu texto circular. Na verdade, esse processo inicia-se por um dispositivo comunicacional que integra logo de saída o mídiun, uma vez que o modo de transporte e a recepção do enunciado condicionam a própria constituição do texto, modelando o gênero de discurso (MAINGUENEAU, 2013).

Por esse motivo, analisa o linguista francês, muitas mutações sociais se manifestam pelo simples deslocamento midiológico. Por exemplo, quando casais em crise deixam de discutir a relação na privacidade de um consultório psicológico para fazê-lo em um programa de entretenimento, não se trata de um simples deslocamento do suporte, mas sim de uma transformação social que legitima tal ato.

Meme de internet: definições e delimitações

Por ser uma modalidade de comunicação relativamente recente, o meme ainda carece de estudos científicos mais aprofundados. Por essa razão, as definições aqui trazidas são, em boa parte, oriundas de veículos nativos da internet, o que, devemos salientar, é bastante coerente com a proposta do meme. Aliás, o meme é um bom exemplo do que discutimos sobre a estabilidade/instabilidade de um texto e as transformações

sociais: tem sua materialidade salva em algum banco de dados, mas a maioria é descontinuada muito rapidamente.

Afinal, o que é um meme? Embora boa parte das pessoas esteja familiarizada com o meme, em geral, poucos sabem explicar com precisão o que, de fato, ele é. Isso não diz respeito à nossa falta de compromisso. Trata-se, antes, de uma definição bastante larga, visto que o meme ainda não se consolidou no tocante a forma e conteúdo, ou seja, é possível que muito brevemente ele incorpore outras características com base nos avanços tecnológicos.

É consenso, porém, creditar a origem do termo *meme* ao biólogo britânico Richard Dawkins, quando do lançamento de seu *O gene egoísta* (2007 [1976]), livro no qual o biólogo, ancorado na abordagem evolucionista, preconiza a seguinte ideia:

Um meme de ideia pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro a outro. O meme de Darwin, portanto, é o fundamento essencial da ideia de que é compartilhado por todos os cérebros que o compreendem.

Nesse caso, o autor refere-se à evolução cultural em comparação à evolução genética, segundo a qual o meme é o “gene” da cultura e, por isso, perpetua-se pela sua replicação. Sua analogia mostra-se pertinente devido à seguinte tese: tal qual o gene é capaz de repassar a informação genética de um ser vivo, o meme repassa uma ideia ou um comportamento (cultura) a outrem. O termo *meme* remete à palavra grega *mimeme* (imitação, em português). Por esse prisma, memes são as reproduções de nosso comportamento passado adiante por imitação e pela influência no comportamento alheio, para gerar sua propagação.

Seguindo os preceitos da teoria evolucionista, Dawkins (2007 [1976]) postula as características do meme enquanto um “replicador”, que são longevidade, fecundidade e fidelidade das cópias. A longevidade diz respeito à capacidade de permanência do meme no tempo; a fecundidade versa sobre a sua capacidade de reprodução, isto é, gerar cópias; e, por fim, a fidelidade de se reproduzir o mais fielmente possível, de gerar cópias com a maior semelhança do meme original.

À parte essa concepção evolucionista do termo, doravante vamos nos concentrar em memes de internet, que o Oxford Dictionary⁷ define como:

noun

/mi:m/

1. An element of a culture or system of behaviour passed from one individual to another by imitation or other non-genetic means.
2. An image, video, piece of text, etc., typically humorous in nature, that is copied and spread rapidly by Internet users, often with slight variations. **Origin:** 1970s from Greek *mimēma* ‘that which is imitated’, on the pattern of gene.

Para o website Significados⁸, *meme* é um termo bastante conhecido e utilizado na internet, que se refere ao fenômeno da viralização de uma informação (vídeo, imagem, frase, ideia, música etc.) que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Dito de outra forma, o website supracitado resume a definição de meme como:

[...] tudo aquilo que é copiado ou imitado e que se espalha com rapidez entre as pessoas. Como a internet tem a capacidade de atingir milhões de pessoas em alguns instantes, os **memes de internet** podem também ser considerados como “informações virais” (grifo do autor).

No verbete “meme” do Dicionário Popular⁹, consta a seguinte definição:

Na internet, a expressão “meme” é usada para se referir a qualquer informação que viralize, sendo copiada ou imitada na rede. Geralmente esses memes são imagens, vídeos ou gifs de conteúdo engraçado, e que acabam se espalhando na internet por meio das redes sociais ou fóruns. Uma das principais características do meme é que ele pode ser adaptado ou modificado dependendo da situação, e por causa disso ele acaba viralizando com facilidade.

As definições apresentadas são bastante similares, porém, o Dicionário Popular inclui uma ressalva importante, a saber:

⁷ Curiosamente, nenhum dicionário popular em português define esse vocábulo. Por essa razão, recorremos à definição do Oxford, disponível em: <https://www.lexico.com/definition/meme>. Acesso em: 4 out. 2021.

⁸ Disponível em: <https://www.significados.com.br/meme/>. Acesso em: 4 out. 2021.

⁹ Disponível em: <https://www.dicionariopopular.com/meme/>. Acesso em: 4 out. 2021.

Toda imagem engraçada é um meme?

Muitas pessoas acabam usando o termo meme para se referir a qualquer imagem engraçada que tenha algum texto por cima. Porém, esse tipo de imagem não se trata necessariamente de um meme, pois *para que algo se torne um meme, é preciso que ele seja um padrão, repetido diversas vezes*. Ou seja, se a imagem fosse usada mais vezes, reproduzindo uma ideia e se espalhando na internet, ela poderia ser considerada um meme. Mas se for apenas uma brincadeira isolada, não (ênfase acrescida).

De acordo com essa ressalva, devemos nos atentar para o fato de que uma simples imagem engraçada não se constitui como um meme. Para ser um meme, a imagem precisa “viralizar”. A pergunta que cabe aqui é: quantas vezes uma imagem deve ser reproduzida para ser considerada um meme? Nesse sentido, uma imagem cujo conteúdo seja restrito a uma comunidade ou a um grupo específico (linguistas, advogados, estudantes, donas de casa etc.) pode ser considerada um meme ou uma simples “piada interna”? Por enquanto não temos uma resposta. Caso essa ressalva venha a ser adotada como um critério determinante, outras questões se colocam: de que forma contabilizar a circulação? Quem fará a contabilidade e com quais ferramentas? De qualquer modo, é uma observação que suscita reflexões, apesar de não ter sido adotada ainda dada a dificuldade da tarefa. O fato é que as pessoas se baseiam mais pela forma e pelo conteúdo do que pela quantidade de vezes que um meme é reproduzido.

Em todos esses casos, consta uma definição básica: a de que o meme pode ser composto de qualquer material (verbal, oral ou multimodal) e que precisa viralizar, pois é produzido justamente para essa finalidade, podendo variar o público-alvo, mas deve ser reproduzido o máximo possível a fim de alcançar o maior número de pessoas.

Se a definição de meme demonstrou algumas variações ao longo dos anos, o seu surgimento parece manter um acordo comum. O primeiro meme surgiu no weblog Memepool, em 1998, cujo administrador era Joshua Schachter, então com 24 anos de idade. Nesse blog eletrônico (modelo que, inclusive, serviu de base para as redes sociais anos depois), os usuários (em sua maioria jovens) postavam conteúdos que julgavam interessantes. O Memepool foi desativado oficialmente em 2013, após um longo hiato.

É preciso ter em mente que, no final da década de 1990 e início da de 2000, tanto o acesso à internet quanto o conteúdo disponível on-line ainda eram bastante

limitados, restringindo-se ao universo corporativo, militar e acadêmico. De mesmo modo, as ferramentas de edição do audiovisual eram incipientes e restritas, a ponto de se considerar o manuseio de imagens, sons e Graphics Interchange Format (GIF) “coisa de nerd”, isto é, de garotos versados em tecnologia e games eletrônicos e que são alheios ao convívio social, comportamento que se tornou o estigma do grupo. Precisamente por isso, boa parte dos memes de então abordava um universo específico, que era o dos games, da Tecnologia da Informação, de filmes, músicas e animes, ou seja, produtos culturais que ratificam o estereótipo da comunidade de jovens adeptos à tecnologia e produtos afins. Por exemplo, diante de uma situação “fácil demais” ou “ambígua”, era comum compartilhar o meme “It’s a trap” [É uma cilada] (Figura 1):

Figura 1 - Meme It’s a trap.



Fonte: <https://knowyourmeme.com/memes/its-a-trap>. Acesso em: 6 out. 2021.

Conforme podemos notar, não há qualquer indicação de quem seja o personagem ou por que o aviso é engraçado. No entanto, quem é fã de *Star Wars* identifica Ackbar e a cena do episódio VI: Retorno do Jedi (1983), sabendo que, após essa fala, algo inesperado acontece, isto é, cai-se em uma cilada inocentemente.

Em julho de 2008, foi criado um blog com as mesmas características do Memepool, isto é, um veículo em que os usuários produziam conteúdo de interesse comum e podiam votar (curtir) para que o post permanecesse ou não: **9Gag** (9, porque o blog só permitia nove postagens por página — coerção do mídiu; *gag* porque, em sua polissemia, tem um dos significados de “algo engraçado”). Dado o sucesso de

compartilhamento de conteúdo (fotos e montagens com frases de efeito), em 2009, o blog tornou-se um website, em cujo endereço eletrônico, www.9gag.com, se hospeda até os dias atuais.

Nesse período (2008 e 2009), as ferramentas de edição ainda tinham o manuseio restrito a estudantes e profissionais do audiovisual, por isso as Rage faces/comics eram editadas no Microsoft Paint, de modo bastante rudimentar, quando comparamos com os modelos atuais, conforme podemos constatar na Figura 2:

Figura 2 - Rage faces/comics.



Fonte: Adaptada de Know your meme.

Disponível em: <https://knowyourmeme.com/memes/subcultures/rage-comics>. Acesso em: 6 out. 2021.

Conforme pontuamos, o consumo de memes era restrito ao universo jovem, sobretudo o dos estudantes de Tecnologia da Informação e gamers. Sendo assim, nada mais natural do que abordar temas típicos dessa comunidade e faixa etária. Dada a dificuldade de edição das imagens, posteriormente foi criado um aplicativo que facilitou a reprodução desses memes, visto que era necessário apenas inserir a frase desejada sobre um dos modelos disponíveis.

Na mesma época, surgiu o Failblog — que pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <https://failblog.cheezburger.com/> —, que manteve o “blog” no

nome. Ademais, o website manteve as características originais, ou seja, o usuário pode votar para que o conteúdo permaneça ou não. Com a baixa adesão aos blogues pessoais e o número crescente de usuários do Facebook e Instagram, o Failblog incorporou os blogues Cheezburger e o Know your meme.

Salientamos que, com o advento e a popularização das redes sociais, muitos desses blogues migraram para o Facebook, Instagram e Twitter, espaços virtuais onde é possível encontrar diversos memes aguardando algum tipo de interação com o internauta. Conseqüentemente, a popularização das redes potencializou o número de páginas dedicadas tanto à produção quanto à circulação de memes dos mais variados. Desse modo, cada página passou a produzir e compartilhar os tipos de meme que estão em consonância com seu público-alvo, ou seja, se outrora os memes refletiam o universo nerd, atualmente, há uma segmentação dos temas e público-alvo. Quanto ao “universo nerd”, este passou a coadjuvante, pois detém apenas uma seção exclusiva em websites como 9Gag, Failblog e Reddit.

No que tange aos produtores e consumidores brasileiros, temos como exemplo a página *Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga*, hospedada em plataformas como Facebook, Instagram e Twitter. Nessa página, circulam memes com teor relacionado às humanidades, setor bastante estigmatizado sobretudo nas universidades, por se supor que o conteúdo produzido por linguistas, geógrafos, historiadores, entre outros, não é aplicado ao mundo dos negócios, daí a sua pretensa irrelevância quando comparadas às áreas do Direito, das Engenharias e da Economia, por exemplo. Ainda que de modo lúdico, a página aborda também questões sérias, como é o caso da depressão entre jovens estudantes (Figura 3). Vale mencionar que *Ajudar o povo de humanas* surgiu durante o tratamento contra a depressão da sua administradora, Nikki Vargas de Oliveira¹⁰.

Figura 3 – Exemplo de abordagem bem-humorada a respeito da depressão.

¹⁰ Para mais informações sobre o caso mencionado, pode-se consultar a reportagem “Curitibana supera depressão com página bem-humorada na internet” 18 fev. 2016. *Rede humaniza SUS*. Disponível em: <https://redehumanizasus.net/94099-curitibana-supera-depressao-com-pagina-bem-humorada-na-internet/>. Acesso em: 6 out. 2021.

Aquela molécula solitária serotonina te dando ânimo começar o dia.



Fonte: <https://www.facebook.com/ajudaropovodehumanasoficial>. Acesso em: 6 out. 2021.

Verificamos, ainda que brevemente, a evolução do meme por meio das Figuras 1, 2 e 3, ou seja, suas adaptações (do global para o local), o estabelecimento do potencial leitor/ consumidor e possíveis temas tratados (de filmes cult até depressão), dado que não necessariamente o meme surge de textos cristalizados no imaginário popular, mesmo que esse seja um fator determinante para que ele viralize. O meme pode ser produzido também com textos do dia a dia: uma declaração de alguma celebridade, uma entrevista confusa do presidente da república, um acontecimento natural ou mesmo a iminência de declaração da Terceira Guerra Mundial. Este é o caso, por exemplo, de quando Donald Trump, presidente dos Estados Unidos de 2017 a 2021, autorizou um ataque a bombas que resultou na morte de um general iraniano. Em razão desse fato histórico, nos primeiros dias de 2020, circulou o seguinte meme (Figura 4):

Figura 4 - Meme Terceira Guerra Mundial.



Fonte: <https://knowyourmeme.com/photos/1693088-world-war-iii>. Acesso em: 6 out. 2021.

É preciso notar também que o meme não detém uma “ideologia”, um tema típico ou um local exclusivo de circulação, o que não significa que não haja um local

propício para sua circulação, como é o caso das redes sociais. O meme pode ser formado com base em discursos diversos, desde o humorístico até o político, inclusive na sua intersecção. É bastante comum o “mesmo” meme, após modificar levemente o referente do enunciado, ser utilizado para expressar posicionamentos opostos em um determinado contexto que suscite polarização mais acentuada, por exemplo, temas políticos, religiosos ou futebolístico.

Podem ser alçadas a meme uma frase, imagem ou situação que desperte alguma emoção nas pessoas, mesmo que seja utilizada para veicular uma mensagem relativamente séria, como a conscientização da população em relação a um tema polêmico, por exemplo, a discriminação do aborto ou do uso da cannabis para fins medicinais etc. Ademais, o meme pode ser formado por uma frase destacada da fala de uma celebridade (“Elas que lutem”, “Tapa na pantera” etc.), de um trecho de uma música (“O nome dela é Jenifer”, “Juntos e Shallow now”) ou de anônimos registrados em uma situação específica cujo registro viraliza nas redes (“Sem tempo irmão”, “Taca-le pau, Marcos” etc.).

Quanto às condições de êxito necessárias para que um gênero possa ser considerado como tal, na esteira de Maingueneau (2013), podemos constatar que o meme corresponde a:

- **uma finalidade reconhecida:** o meme tem a função de fazer rir de alguma forma, seja por meio da ridicularização/ironia ou exaltação. Com isso, o que sofre mudanças é o método empregado (construção composicional) para se atingir tal finalidade;
- **o estatuto dos parceiros legítimo:** normalmente, quem produz memes pertence à mesma comunidade discursiva de quem os consome. Quem produz o faz na esperança de que aquele que consome compartilhe e, com isso, o meme viralize. De mesma maneira, quem produz também compartilha de outros produtores, formando com estes a comunidade discursiva que consome o mesmo tipo de texto. Não se exige, *a priori*, uma formação específica nem qualquer tipo de formalização de um “produtor profissional de memes”. Entretanto, existem celebridades da internet

cujos memes alcançam um número maior de seguidores e, muitas vezes, acabam extrapolando a comunidade inicial, ou seja, chegando ao grande público;

- **um lugar e momento legítimos:** as redes sociais são o lócus ideal para o consumo de memes, pois suas condições de êxito determinam que o digital seja seu hábitat, porque o meme precisa viralizar, atingir o maior número de pessoas no menor tempo possível, já que qualquer atraso na circulação pode fazer o coenunciador perder o *time* da piada (a referência). No entanto, é preciso observar que alguns memes permanecem por mais tempo em circulação, sobretudo quando tratam de temas universais, como tristeza, frustração, relacionamento interpessoal, dramas juvenis etc.;
- **um suporte material:** no que tange ao mídiu, o meme pode circular em formato gif, vídeo, imagem (fotografias digitalizadas) ou áudio. Conforme já salientamos, o mídiu impõe coerções, por essa razão, não incluímos a multimodalidade (gifs, vídeos ou áudio) neste artigo, visto que o PDF/papel impresso aceita unicamente as imagens digitalizadas, fato que corrobora o item anterior;
- **uma organização textual:** todo meme mantém uma característica comum, que é a brevidade dos enunciados (verbais ou não verbais), mesmo que para isso seja necessário abreviar ou subverter a gramática normativa da língua. Nesse aspecto, podemos afirmar que é bastante comum se escrever “errado” num meme. Isso nos leva ao segundo ponto deste tópico: o par correlato. A competência linguística de subverter a norma padrão não existe apenas para reduzir a quantidade de caracteres de um texto, mas funciona também como elemento de pertencimento a uma comunidade discursiva, ou seja, constitui uma identidade. Aqueles que não pertencem à comunidade em questão enfrentam certa dificuldade para interpretar um texto, seja porque não depreendem a referência, seja porque não conseguem decifrar o enunciado.

O meme consagrou-se socialmente, dada a existência das centenas de páginas dedicadas à sua produção e circulação na rede internacional de computadores. Alguns desses produtores fizeram disso uma profissão, monetizando seu trabalho por meio dos anúncios que aparecem nas suas respectivas páginas, as quais ostentam milhares de

seguidores, que geram engajamento a cada postagem. O meme estabilizou-se, a princípio, no universo digital, mas paulatinamente tem transposto as fronteiras do virtual, ou seja, tornou-se tão popular que a publicidade tem inserido memes em seus textos. Ademais, veículos da mídia tradicional têm dedicado um espaço para divulgar dados a respeito dos memes. Por exemplo, o *Correio Braziliense* noticiou a lista dos 10 memes mais buscados na internet em 2019¹¹, assim como o portal *TechTudo*, que divulgou os 15 memes mais buscados em 2020¹².

No que tange à indústria do entretenimento, podemos constatar que as fronteiras entre internet e rádio/TV estão cada vez mais tênues. Nesse sentido, verificamos que se tornou bastante comum celebridades da internet participarem como convidados de programas televisivos e radiofônicos, bem como apresentadores de programas televisivos e radiofônicos terem os próprios programas na internet. Em alguns casos, os influenciadores digitais e youtubers que têm sido absorvidos pela mídia tradicional eram/são administradores de páginas de memes.

Existem dicionários de memes, páginas dedicadas a explicar memes, como é o caso de Meming Wiki e Know Your Meme, que contemplam a origem (etimologia), período de circulação, significado e exemplos (em qual circunstância utilizar um meme e não outro). Em outras palavras, criou-se toda uma indústria em torno do meme.

Posto que a internet não tem fronteiras físicas, a circulação de memes em meio digital facilita também a conexão de culturas distintas. Por exemplo, a atriz brasileira Renata Sorrah, ou melhor, Nazaré Tedesco, personagem interpretada pela atriz (Figura 5a), a cantora Gretchen (Figura 5b) e a cantora Joelma (Figura 5c) são mundialmente conhecidas graças à circulação de memes:

Figura 5 - (a) Meme da Nazaré Tedesco; (b) da Gretchen; (c) e Joelma.

¹¹ Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/12/11/interna_tecnologia.813259/confira-os-10-memes-mais-buscados-no-google-ao-longo-de-2019.shtml. Acesso em: 6 out. 2021.

¹² Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembre-os-15-melhores-memes-que-viralizaram-na-internet-em-2020.ghtml>. Acesso em: 6 out. 2021.



Meme da Joelma aparece no programa da Ellen DeGeneres e a internet pira (Foto: reproduce)

Fonte: <https://www.dicionariopopular.com/meme-da-nazare-confusa/>;
<https://jornalibia.com.br/variedades/canaldafama/gretchen-participa-de-clipe-da-cantora-katy-perry/>;
<https://revistaglamour.globo.com/Lifestyle/Must-Share/noticia/2020/02/meme-da-joelma-aparece-no-programa-da-ellen-degeneres-e-internet-pirou.html>. Acesso em: 6 out. 2021.

Na Figura 5 (a), observamos uma jovem estudante russa utilizando um meme da Nazaré Tedesco para ilustrar suas dificuldades com teoremas; em (b), por ser a personagem de um grande número de memes em circulação, Gretchen foi convidada a fazer uma participação especial em um videoclipe da cantora pop norte-americana Katy Perry; em (c), a atriz de cinema Kristen Bell “interpreta” um meme da cantora paraense Joelma, em um dos programas de maior audiência na TV dos Estados Unidos: *Ellen DeGeneres*.

Se, há pouco tempo, os brasileiros consumiam memes produzidos por jovens norte-americanos, atualmente, os jovens brasileiros exportam memes produzidos em “solo” nacional. Aliás, o meme tornou-se coisa “séria” no Brasil, a ponto de o país sair

campeão da #PrimeiraGuerraMemeal (BR X PT) em 2016, travada contra Portugal. Mais uma vez, atividades envolvendo memes de internet tiveram a cobertura de veículos da mídia tradicional, entre os quais destacamos a *Galileu*¹³, cujo *ethos* é de uma revista de divulgação científica, portanto um veículo formal, sóbrio.

Considerações finais

Neste artigo, nosso objetivo maior foi verificar se o meme de internet pode ou não ser considerado um novo gênero de discurso. Para tanto, adotamos como ponto de partida teórico-metodológico os estudos de Bakhtin (2016) e Maingueneau (2013; 2015) em relação aos gêneros de discurso. Nesse sentido, pudemos analisar a gênese do meme, o perfil de seus produtores e consumidores, os desdobramentos e evolução, bem como a finalidade, as características e os alcances dos memes.

Na sequência, pudemos averiguar também que, de importador, o Brasil tornou-se um exportador de memes de internet, tendo as figuras de personagens como Nazaré Tedesco, Gretchen e Joelma conhecidas mundialmente graças à circulação de memes produzidos em “solo” nacional. Ademais, no que tange à sua inscrição social, o que começou como brincadeira na internet tornou-se uma atividade de trabalho para os administradores de páginas produtoras e difusoras de memes, havendo inclusive a cobertura da mídia tradicional para atividades que envolvam memes. Portanto, essa modalidade de comunicação foi incorporada pela sociedade.

Sendo assim, diante de tais evidências, só nos resta afirmar que sim, trata-se de um novo gênero de discurso, visto que o meme contempla todos os critérios listados (finalidade reconhecida, estatuto de parceiros legítimos, lugar e momento legítimos, um suporte material e uma organização textual).

REFERÊNCIAS

AMARAL, Jordana Siteneski; BOFF, Salet Oro. A propriedade intelectual sobre os “memes” da internet: perspectivas a partir do direito autoral e do direito da marca.

¹³ Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/06/o-brasil-declarou-guerra-de-memes-contr-portugal.html>. Acesso em: 15 dez. 2021.

Scientia Iuris, Londrina, v. 23, n. 1, p. 144-163, mar./2019. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/iuris/article/view/34668/25179>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BAKHTIN, Mikhail M. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

CALIXTO, Douglas Oliveira. Memes na internet: entrelaçamento entre a “zoeira” de estudantes e a apropriação do gênero discursivo na escola. *Periferia: educação, cultura & comunicação*, v. 11, n. 2, p. 131-152, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/viewFile/36457/29630>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. *Confira os 10 memes mais buscados no Google ao longo de 2019*. Caderno Tecnologia, 11 dez. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/tecnologia/2019/12/11/interna_tecnologia,813259/confira-os-10-memes-mais-buscados-no-google-ao-longo-de-2019.shtml. Acesso em: 12 dez. 2020.

COUTINHO, José; LOUREIRO, Rafael. *Memes, internet e a comunicação: o humor na era da internet*. e-book Kindle. [s. l.] Amazon, 2019.

DAWKINS, Richard. *O gene egoísta*. São Paulo: Cia das Letras, 2007 [1976].

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

MACHADO, Irene. Gêneros discursivos. In: BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 151-176.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MEDVIÉDEV, Pável N. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.

TECHTUDO. *Relembre os 15 melhores memes que viralizaram na Internet em 2020*. 19 dez. 2020. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/12/relembre-os-15-melhores-memes-que-viralizaram-na-internet-em-2020.ghtml>. Acesso em: 23 jan. 2021.

ZANETTE, Maria Carolina; BLIKSTEIN, Izidoro; VISCONTI, Luca. Intertextual virality and vernacular repertoires: Internet memes as objects connecting different online worlds. *Revista de Administração de empresas*, São Paulo, v. 59, n. 3, p. 157-169,

maio/jun. 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v59n3/0034-7590-rae-59-03-0157.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2020.